

RAUL CÓRDULA FILHO

AL SANTOS 1893 / CEP 01419 / SP
**GALERIA
TINA
GLOBAL**



**DE SONHOS, SIGNOS E SÍMBOLOS,
AO ENTENDIMENTO DO UNIVERSO**

DE SONHOS, SIGNOS E SÍMBOLOS, AO ENTENDIMENTO DO UNIVERSO

RAUL CÓRDULA FILHO

"O homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas ao longo de uma evolução mental milenária. E é deste ser, resultante da associação homem-símbolo, que temos que nos ocupar, inspecionando sua mente com extremo cuidado. O ceticismo e a convicção científica coexistem nele, juntamente com preconceitos ultrapassados, hábitos de pensar e sentir obsoletos, erros, obstinados e uma cega ignorância."²

Quantas vezes não acordamos a remoer lembranças de estranho sonho e tentamos reconstruí-lo e extrair-lhe um significado? A consciência civilizada procura afastar-nos de nossos instintos básicos, que nem por isso desaparecem, revelando-se através do inconsciente na manifestação de projeções como o Sonho. Jung defendeu que a vida tem um significado assim como uma explicação; e se trata, por outro lado, de um significado que não podemos descobrir nunca definitivamente, pois o estende, todo o tempo, o processo de evolução. O inconsciente possui uma propensão inata a formação de símbolos específicos e que estes símbolos tem uma significação que ultrapassa os limites do pessoal, que é História, racial ou coletiva. Para o filósofo e psicólogo suíço, o símbolo tem, deste modo, uma função evolutiva: "... o desenvolvimento interior do homem só pode ser produzido por meio de símbolos que representam algo que o ultrapasse e cujos significados intelectuais ainda não podem ser apreendidos por completo. O inconsciente individual produz estes símbolos, os quais são do maior valor possível no desenvolvimento moral da personalidade."

Fugir para as montanhas não substitui a verdadeira liberação interior. Nas condições da vida moderna há causas suficientes para infundir ao homem o estigma da serenidade, do absoluto, do abstrato, do ideal; e se o homem moderno em seu isolamento e ceticismo, não pode compartilhar um ideal ou aceitar uma tradição, a vida visionária então emergirá, sem nenhuma ajuda, das profundezas de seu inconsciente, da fonte original de todo mito e de todo símbolo.

Frente a complexidade do fenômeno vivencial, tem importância e valor as idéias criativas, no sentido em que, como acontecem com as chaves, elas ajudam a abrir conexões até então ininteligíveis de vários fatos, permitindo que o homem penetre mais profundamente no mistério da vida; levando-o a uma visão mais equilibrada, mais ética e ampla do mundo. Isso serve, e é um dos caminhos, para se explicar a obra signográfica de Raul Córdula Filho, artista paraibano de origem mas universal por vontade e direito, que da mesma forma que busca-se em acontecimentos da infância explicação para um comportamento adulto, ele remexe o baú do Inconsciente Nacional, reconstruindo em jogos de riscos a Memória perdida de nossos antepassados. Córdula possui a consciência de que a vida tem uma significação mais ampla que eleva o homem acima do simples mecanismo de ganhar e gastar. Se lhe roubarem a possibilidade de sonhar, de mitificar, ele sente-se perdido e infeliz. Os símbolos guardam magia, e é emergente que se dê ao sentimento a devida atenção, pois não se pode entender as massas se não houver sentimento.

ENIGMATICÓRDULA se faz presente para algo mais que uma simples exposição de quadros, já que, por trás de sua atitude artesanal como desenhista, pintor e programador gráfico, se encontra um homem que pensa e procura fazer de sua arte algo mais que um produto consumível, mas uma fonte de descobertas para o apreciador em geral.

O percurso criativo de Raul Córdula, depois de uma breve passagem pelo figurativo, tomou novo fôlego numa percepção viva que captou as inscrições dos rabiscos infantis - com a mesma liberdade de grafar típica das crianças ou de um Miró -, os rabiscos dos banheiros, dos jogos de amarelinha ou dos sinais de trânsito e outros de nosso meio urbano. Esse ponto de partida mereceria, de um artista participante como Antonio Dias, em 1965, a seguinte apresentação: "Córdula procura no muro a indicação para o registro: não estará ali escrito 'Abaixo a Ditadura'?, não estará ali desenhado um coração atravessado por uma flecha? e principalmente aquelas manchas, não serão elas semelhantes aos personagens desse drama, deformadas marcas de abandono?"

O sentido abstrato se encontra implícito na arte de certos povos e culturas primitivas, e nas grandes civilizações da antiguidade. E é da representação destes povos que Raul retirará a seguir a tendência para a pureza de formas e cores, para ater-se somente ao essencial para uma visão (simplificada e objetiva) do mundo circundante.

No aspecto formal poderíamos dizer que a obra de Córdula encontra identidade com a de outro sinalético, Rubem Valentin. Apenas, se Valentin foi buscar elementos na cultura afro-brasileira, Raul partiu de uma referência pouco aludida na arqueologia (?) nacional, ou seja, a presença dos fenícios em nosso território. Ou então, o que seriam as inscrições líticas da Pedra Lavrada do Ingá do Bacamarte, no interior da Paraíba? Partindo deste dado concreto, Córdula mergulhou em pesquisas semiológicas, atraído pela força dos signos e símbolos, que através da observação e da decifração de valores, passaram a compor construtivamente seu vocabulário visual. E o artista descobriu aí um veio inesgotável, passando a representar o mundo e as coisas deste, e porque não exteriores, na infinita possibilidade de combinações.

Ao penetrar pelos símbolos que descreviam a ecologia do Cariri (Ingá e outros), com suas frutas e animais, e ao confrontar estes dados com a simbologia da infância ou do meio urbano, enveredou por uma linguagem própria, saída de seu interior, apesar de adotar certos conceitos básicos da sinalética de outras civilizações, como o triângulo, o círculo, o quadrado. Partindo do grafismo livre, Córdula mesclou dados - transformados em signos - como o design estilo Metrô paulista, a lenda do Sumé e o mito de Paê Biru, motivos afro ou indígenas, até a animação sinalética das cidades, para então retornar à sua terra e redescobrir a Borborema e explodir num construtivismo ecológico, onde ressurgiu quente e concreta a Terra, com os sinais que o tempo deixou, as várias camadas, os esqueletos enterrados de gente e gado, os fósseis e minerais. As nuvens transbordando azul embranquiado, o sol derramando o amarelo da loucura, verdes vegetais, pesquisa formal e cromática, sinalética e gráfica. O que aconteceu em sua representação da Borborema é uma das surpresas típicas de Raul Córdula. Representou a serra na sinuosidade das próprias letras que compõem seu nome: BORBOREMA - para em outro trabalho representar a mesma com as letras em relêvos, piramidais inclusive, num branco total único.

Jogos, objetos, gravuras, desenhos, pinturas. Sempre com a mesma primazia na execução, sempre na busca de uma linguagem universal, impregnada de simbologia oriental e de inata nordestinidade. Raul Córdula toma matérias diversas, racionaliza a cor e o espaço, simplifica a forma, mas nem por isso diz menos. Ele ajuda a pensar e a buscar em nós mesmos, em quem percebe atento o seu trabalho na intenção de se auto-compreender. Sua obra coaduna símbolo e sentimento, reúne técnica perfeita e pesquisa constante. E Terra, Ar, Fogo, Água. É mística para alguns, porém concreta no sentido lato. É coerente como o estruturalismo, porém dá margem ao sonho, e entendendo sua obra poderemos chegar à chave de nós mesmos, compreendendo sua disposição criativa e acompanhando seus passos conheceremos um capítulo importante da Arte Brasileira.

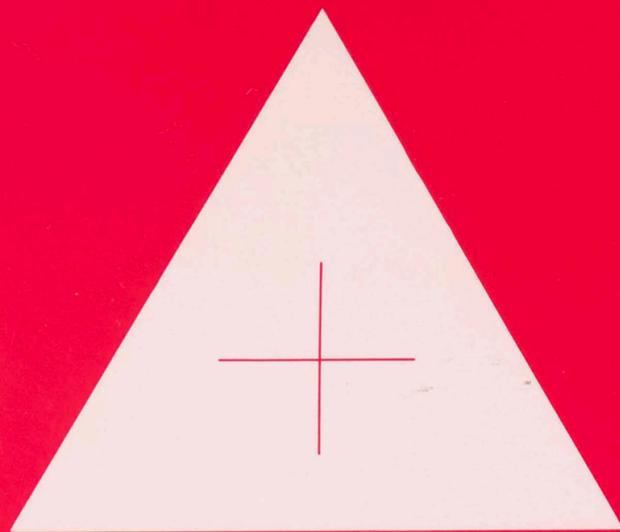
Paulo Klein / crítico da APCA

FONTES: 1. Anotações de Sonhos, de Chummy Chumez/Editorial Fundamentos
2. O Homem e Seus Símbolos, de Carl G. Jung/Nova Fronteira

Carregando um pequeno e estranho instrumento, no qual pequenos caramujos percorrem labirintos esbarrando em minúsculos guizos, uma criatura tenta escalar o muro de sua própria casa. Manipulando a exótica peça, retira um som especial, paralelo ao qual cantarola tema que chega a lembrar a Chula Carioca, de Antonio da Silva Leite (1792), porém com letra assim:

'Ur, são Mansur
quiromante óia i vê
qui éta pedra de Numância
signo fáio num vai sê...'

Na rua o sinete do cabrioleiro
acompanha os guizos,
e eu acordo do sonho...¹



Nasceu em 17/04/43 em Campina Grande, Estado da Paraíba.

Viveu no Rio de Janeiro de 3 aos 14 anos, voltou a Paraíba em 1957.

É autor de um conjunto de trabalhos para o Edifício da Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba, que consta de uma escultura em aço inoxidável para a fachada e tapetes para o interior do prédio, executados em 1973.

Criou desenhos de marcas para várias empresas paraibanas, entre elas a PLANESC, IRPA, SUDEPAR e TELPA.

Integrou o Conselho Consultivo do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Estadual da Paraíba.

Lecionou Educação Artística e Desenho Artístico na Rede Estadual de Ensino e em colégios particulares de João Pessoa.

Assessor de Artes Plásticas da Fundação Cultural do Estado da Paraíba - FUNCEP.

Secretário Geral do II Salão de Arte Global de Pernambuco - O ARTESANATO E O HOMEM.

Chefe do Núcleo de Arte Popular e Artesanato - NAP da FUNDARPE.

Supervisor da Casa da Cultura de Pernambuco.

ATIVIDADES

1978 - Supervisor da Casa da Cultura de Pernambuco
Participante do Simpósio de Artes Plásticas da Paraíba.

1977 - Na Fundarpe - FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO, montou o NAP - NÚCLEO DE ARTE POPULAR E ARTESANATO.
Participou do II Encontro Nacional de Artesanato, em Brasília.

1976 - Viajou ao MÉXICO para o Congresso Mundial de Artesanato.
Montou, como Secretário Geral, o III Salão de Arte Global de Pernambuco - O Artesanato e o Homem.

1972 - 1975 - Manteve Escritório de Programação Visual em João Pessoa, Paraíba.

1970 - 1971 - Cenógrafo da TV Globo, canal 4, Rio de Janeiro, RJ.
Fez programação visual para várias empresas do Rio de Janeiro, entre elas a Rádio Ministério da Educação e Cultura.

1969 - Cenógrafo da TV Bandeirantes, canal 13, São Paulo.

1968 - Professor de Desenho e Criatividade na Universidade Federal da Paraíba.

1967 - Diretor do Departamento de Artes Plásticas do Instituto Central de Artes da Universidade Regional do Nordeste, em Campina Grande, Paraíba.
Montou e dirigiu o Museu de Arte de Campina Grande, na referida Universidade.

1966 - Cenógrafo da TV Tupi, Canal 6, Rio de Janeiro, RJ.

1964 - Professor de pintura e supervisor do setor de Artes Plásticas do Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba.
Várias exposições pelas cidades do Nordeste, com o grupo de jovens artistas paraibanos.

1963 - Professor auxiliar de Desenho do Serviço de Artes Plásticas, em João Pessoa.
Curso de História da Arte no Instituto de Belas Artes, Rio de Janeiro, Professor Carlos Cavalcanti.
Curso de Técnica de Pintura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Professor Domenico Lazzarini.

1960 - Primeira exposição na Biblioteca Pública de João Pessoa.
Integrou o grupo que criou a Escola de Artes Plásticas "Tomaz Santa Rosa", no teatro "Santa Rosa" que foi absorvida em 1963 pela Universidade Federal da Paraíba para formar o serviço de Artes Plásticas do Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, hoje Divisão de Extensão Artística.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1975 - Galeria 167 - São Paulo
Galeria I. M. Antiquariato - São Paulo

1974 - Teatro "Santa Rosa" em João Pessoa:
"Novas Geometrias e Poemografias"



1973 - Galeria Pedro Américo - Universidade Federal da Paraíba
Galeria Belaaurora, Recife, Pernambuco
Cural Artesanato, João Pessoa Paraíba.

1968 - "Hall" da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba
Oficina 154, Olinda, Pernambuco

1965 - Galeria Verseau, Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Governo do Estado da Paraíba.

1963 - "XIKO" Arte Interior, Recife, Pernambuco.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1976 - Galeria 3 Galeras - Olinda - PE.

1975 - Exposição Inaugural do Gabinete de Arte da Paraíba
Exposição Inaugural do "ADRO Galeria", em João Pessoa.

1973 - Cinco artistas paraibanos, Galeria Pedro Américo, Universidade Federal da Paraíba: Flávio Tavares, Miguel dos Santos, Roberto Lúcio, Regis Cavalcanti.

1972 - "Petite Galerie", Rio de Janeiro, Coletiva de Natal.

1970 - "Posters" Barracas na Praia de Ipanema, Rio de Janeiro.
Com Sami Mattar, Jaguar, Ziraldo, Ana Leticia, Ivan Serpa, entre outros.

1967 - Artistas Paraibanos no Museu de Arte de Campina Grande, Galeria Facheiro.

1966 - Opinião 66, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, RJ.

1961 - Primeira Praça de Cultura, Natal, Rio Grande do Norte.

SALÕES

1975 - "Segundo Salão do Recife" - 1.º Prêmio (Aquisição/Viagem Europa)

1974 - "Primeiro Salão Global do Recife" Prêmio MEC
Bienal Nacional de São Paulo.

1970 - Salão de Arte Jovem em Campinas, São Paulo - Medalha de Bronze.
Primeira e Segunda Bienal da Bahia.

1966 - XXI Salão Municipal de Belas Artes, Belo Horizonte, Minas Gerais,
Prêmio de Desenho.

1961 - Salão de Artes Plásticas, em comemoração as "festas henriquinas",
Biblioteca Pública de João Pessoa - 1.º prêmio de pintura.

1976 - III Salão de Arte Global de Pernambuco - O Artesanato e o Homem,
como secretária geral programador visual e montagem.

DEPOIMENTO DO ARTISTA

Afirmção só com muito trabalho.

Usando uma linguagem simbólica, tenho partido para fixar segmentos do meio ambiente, numa estruturação geométrica de triângulos, quadrados e círculos. Esta linguagem, particular, encontra um público metropolitano mais facilmente que um público de província. Como todo artista oriundo da década de 60, percorri caminhos vários, que foram desde a vanguarda brasileira (quando participei da "Nova Objetividade" de Antonio Dias, Gerchman e Escosteguy) até a abstração lírica. Considero que estes caminhos são a procura do metier, a afirmação da linguagem, e não depreciam a obra do artista, que só virá se afirmar com muito trabalho. Hoje reafirmo as palavras do mestre Lazzarini, quando dizia que a arte é um trabalho diário e persistente e mesmo que o artista não esteja pintando, ele está vendo, intuindo, interpretando.

"Correio das Artes" - João Pessoa, 25/01/76

Para de Janga
10-2-78

Meu amigo
Paulo Klein

As chamas do fogo
são elementares.

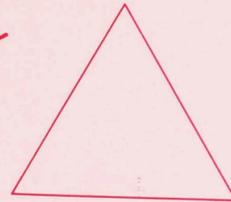
As pedras como letras
no espaço, vivem em
manchas.

Quanto elementos podem
ser os blocos de uma
arquitetura. Podem formar
formas, paisagens, sedadas
ou piores.

Na verdade isto tudo sendo
hipotético fora de seus
limites.

Nos isto, pelo que
um paisagem.

1



O fogo - A Chama - A Luz
Trindade

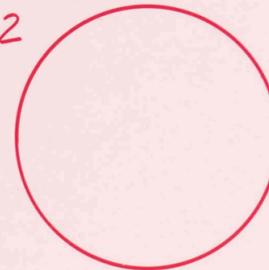
Aqui o Δ da Bonheur
ou um pedregal escuro
pelo tempo e pelo homem.

Aqui a forma é sólida
na terra e transcendente
no ar.

Como diz Varrault de Bito:

"Aqui as flores são tochas
de Transitoriedade
Inedimidade e beleza.
Luz e cores são feitas
de metal candente
e de ares felizes
de pedras duras."

2



O AR - Espaço

que contém o homem
ou não contém nada.

Seu ele o fogo não
existe. Nada existe.

Aqui é uma bola,
uma bolacha.

Toda dentro ou fora
do triângulo. Sua
presença é invisível
ou invisível.

Não importa. Toda.

3



Água - Tenebrosa

luta com o fogo. É seu
fiel, sua autotora.

Aqui é uma linha
que interpõe e
desmorona o triângulo.

Como diz o mesmo poeta

do mesmo 1:

"Medusa, condor,
âncoras aladas,
Alpe sal, areia
e madrugada."

4



Terra - Mãe

Mais capital que urbana.
Mais porto e consistente.

Isto aqui é um ganan-
cho, um rabisco.

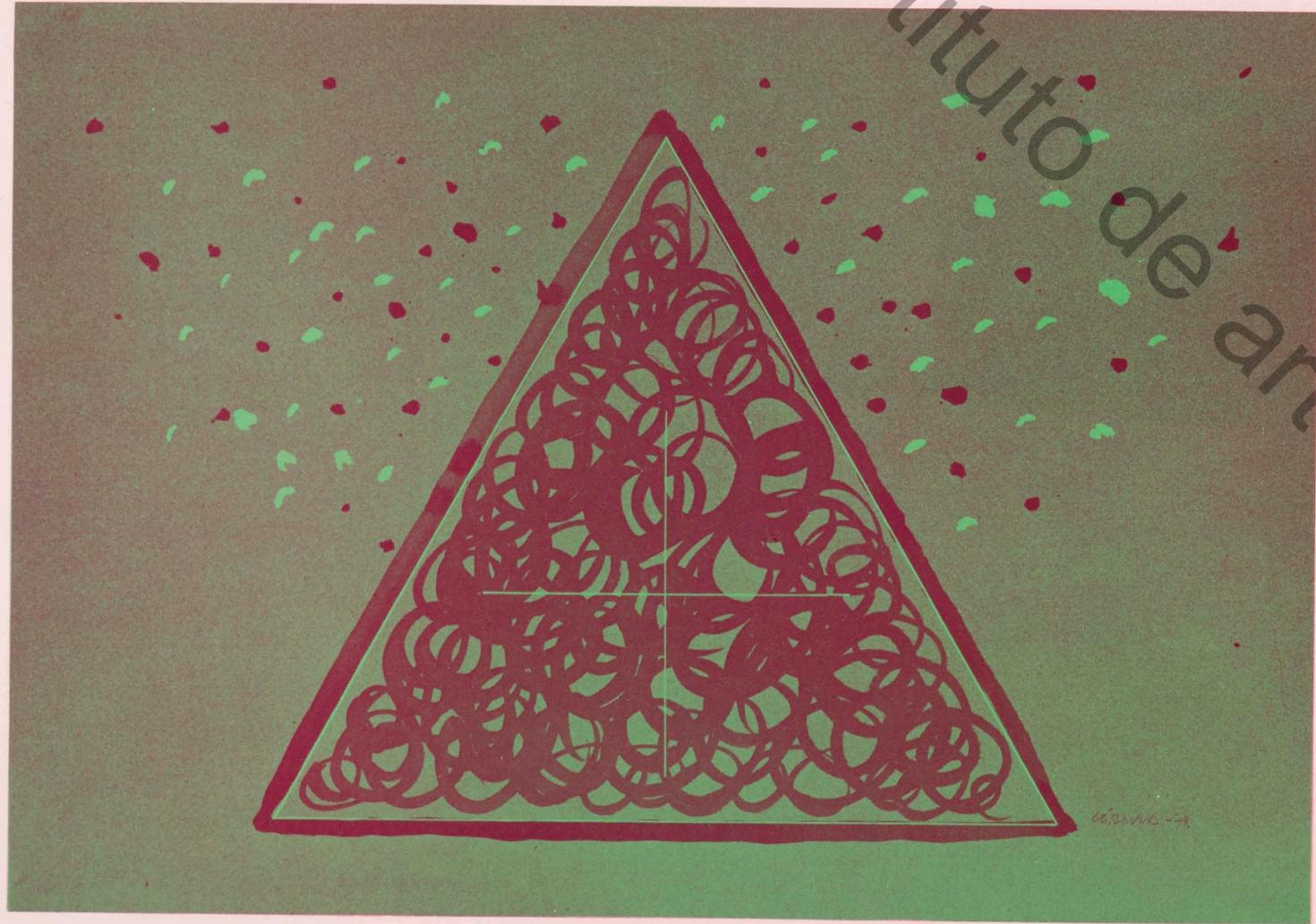
Isto é um apêndice.
Pode ser uma paisagem.

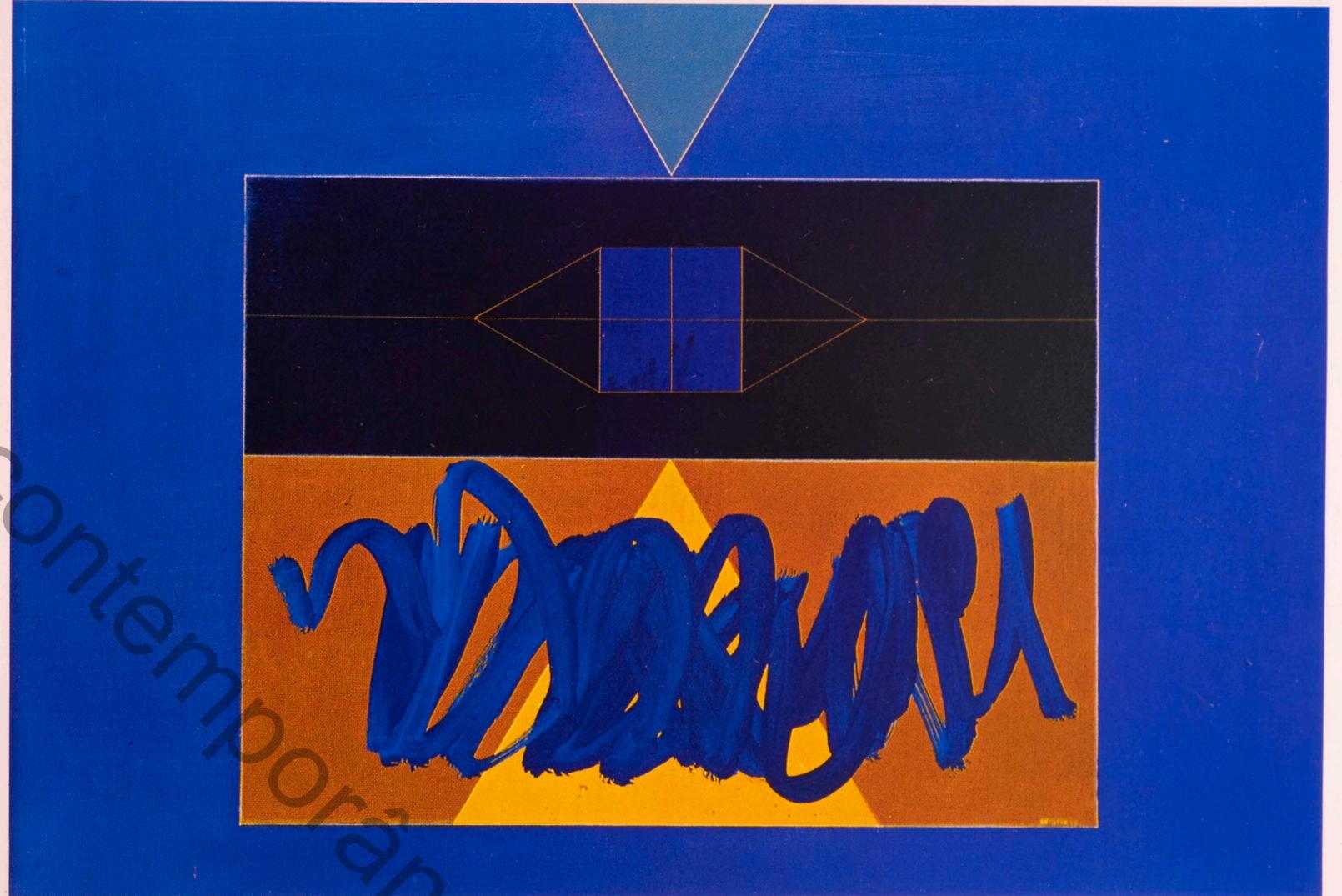
De alguma coisa ao
fora da pintura.

Pode ser mesmo uma
pintura.

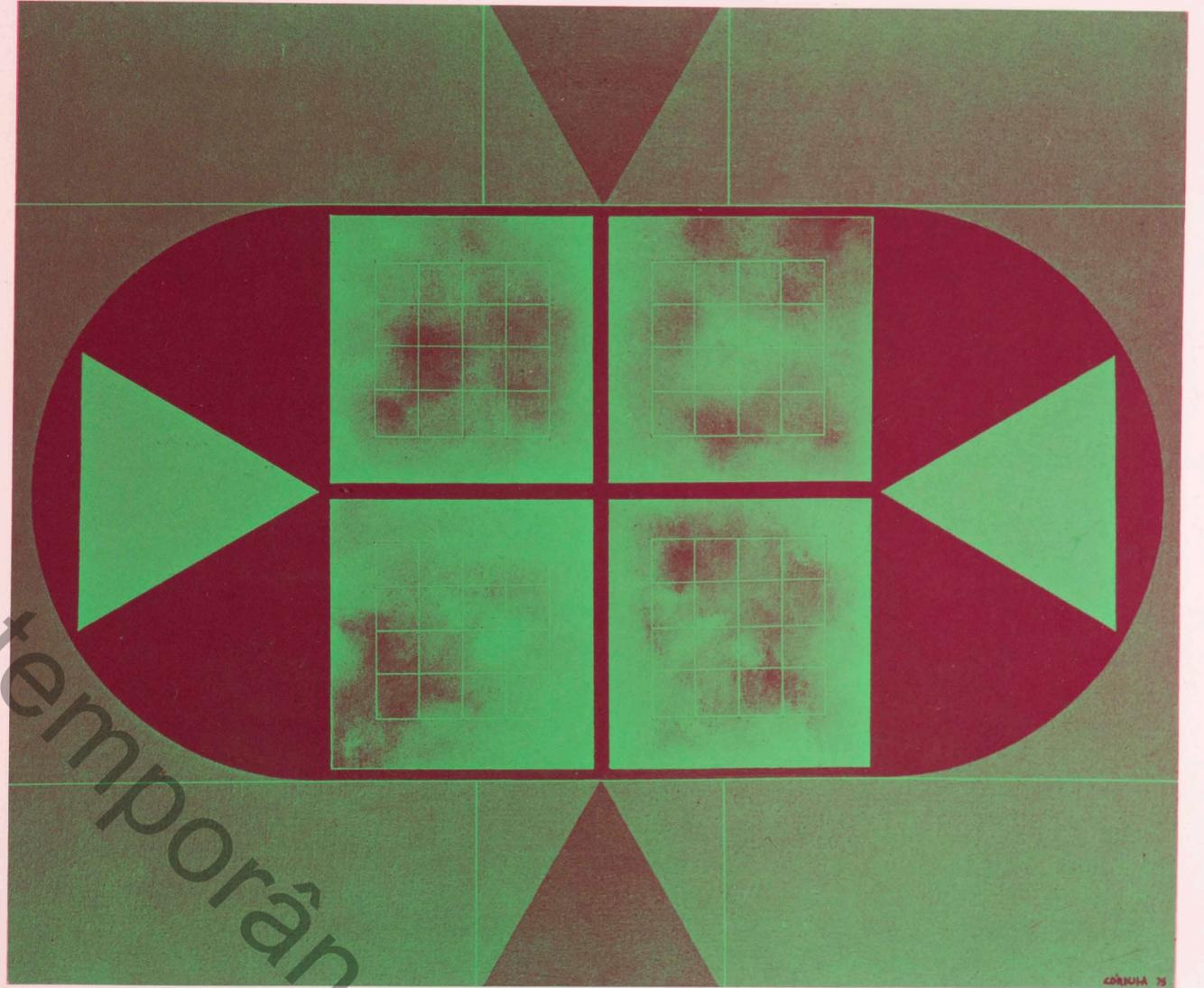
Como dizem os
antigos: "Eros vici-
vici de ares." ou
"Mãe foi tem mãe."

Paul
Klein

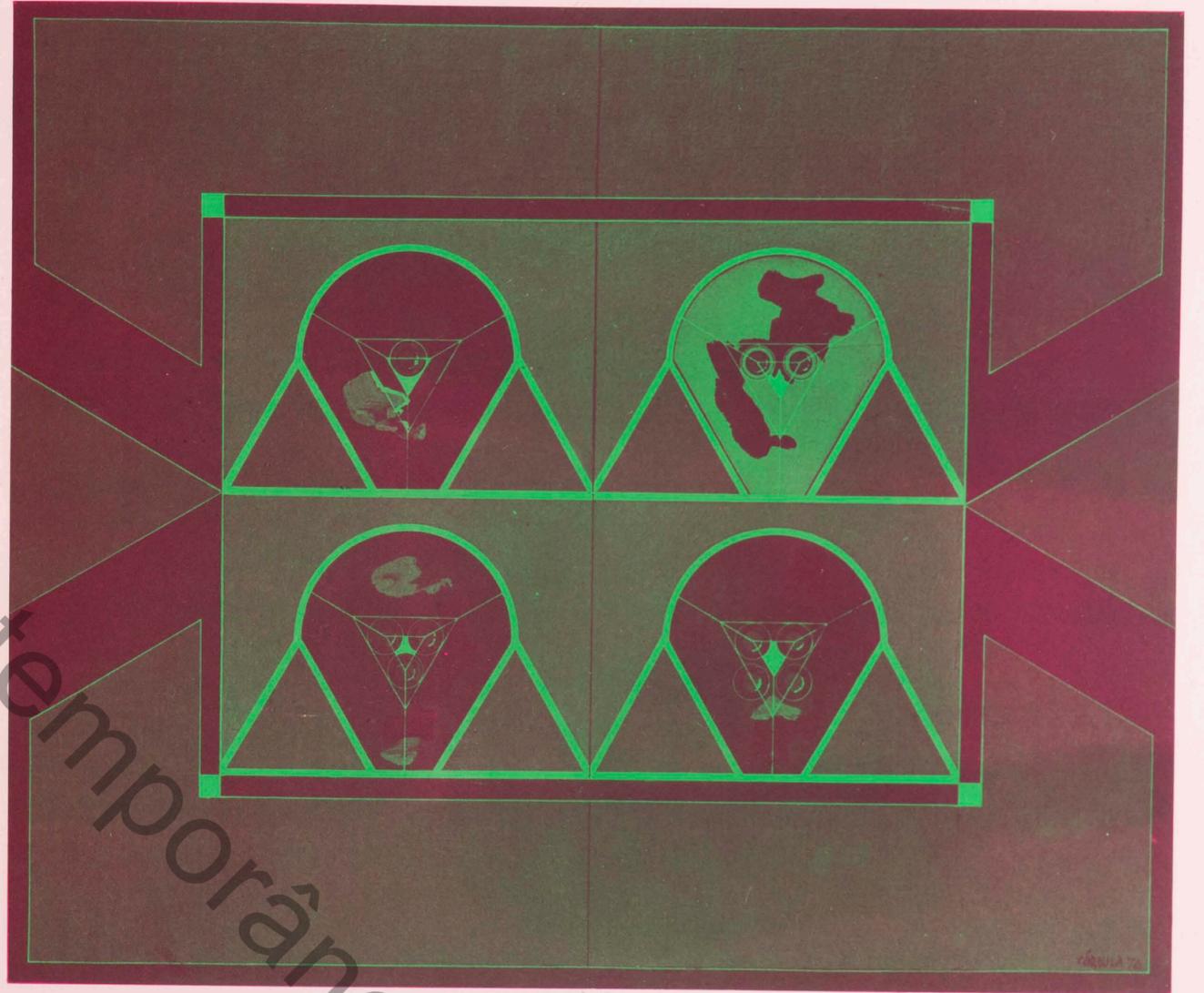




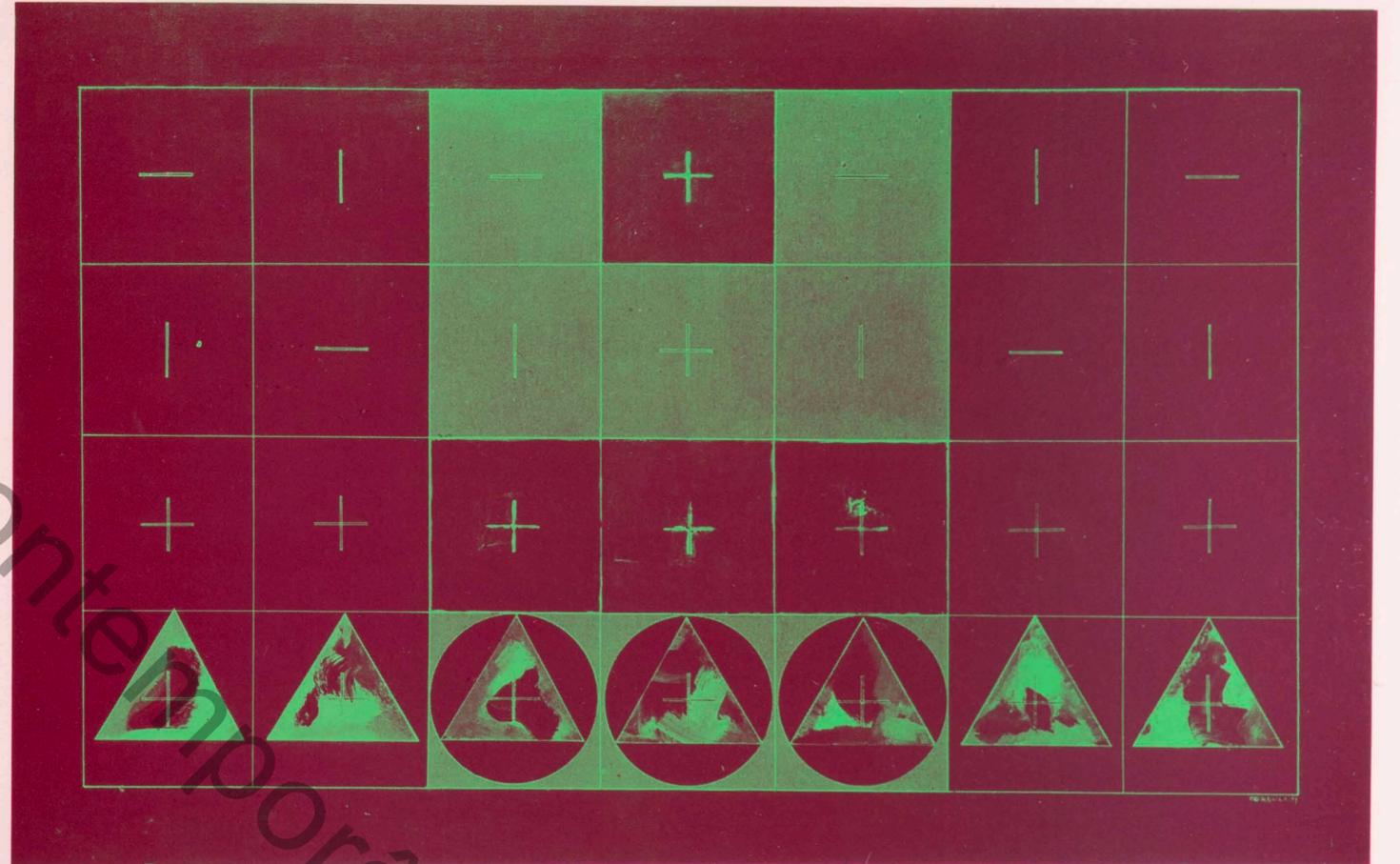
instituto de arte contemporânea

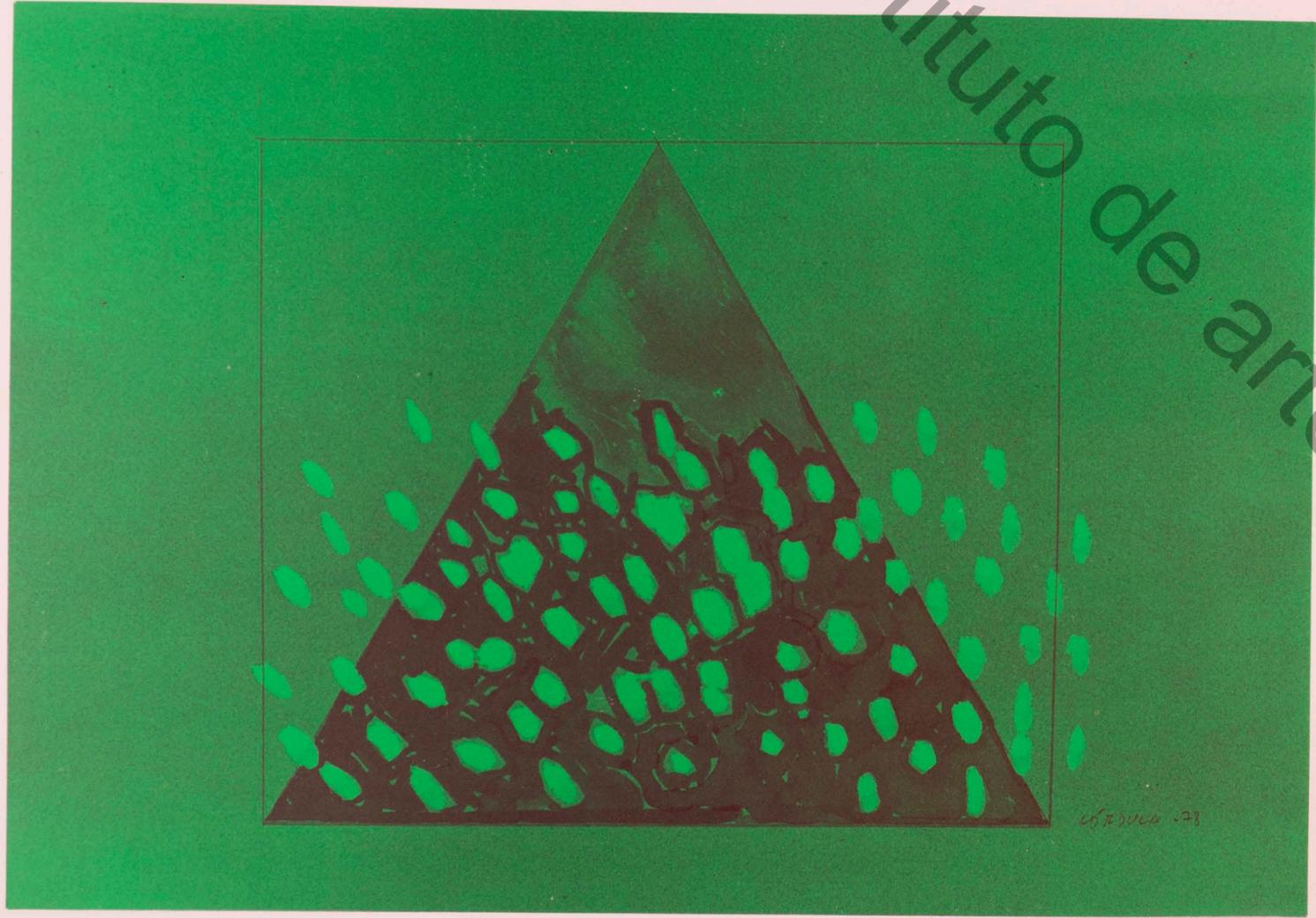


instituto de arte contemporânea



instituto de arte contemporânea





instituto de arte contemporânea

28 de Fevereiro
a 17 de Março/78
Galeria Arte Global
São Paulo

DE SONHOS, SIGNOS E SÍMBOLOS,
AO ENTENDIMENTO DO UNIVERSO



ARTEGLOBAL

Alameda Santos 1893
São Paulo/CEP 01419/SP
Brasil

Direção Franco Terranova
Direção Executiva Raquel Arnaud Babenco
Diagramação Fernando Lemos
Fotografias Romulo Fialdini
Fotolitos Intercolor
Impressão Litografia Mattavelli S/A.

Comind

Uma grande instituição se revela nas suas atitudes

instituto de arte
Contemporânea